

# TRADUÇÃO PARCIAL COMENTADA DAS “LECTURES ON THE SCIENCE OF LANGUAGE” DE MAX MÜLLER (1823-1900) DE 1861

**Palavras-Chave:** HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA; MAX MÜLLER; LECTURES ON THE SCIENCE OF LANGUAGE

**Autores:**

**GABRIEL DE ALMEIDA BRUM, IEL – UNICAMP**

**Prof. Dr. FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA (orientador), IEL - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:



[Max Müller - Brasil | Estudioso, Indologista e Filólogo Alemão | Britannica](#)

*Imagem do autor Max Müller extraída do site Britannica*

Este resumo visa a sintetizar o trabalho de Iniciação Científica feito entre o segundo semestre de 2024 e o primeiro de 2025 com financiamento do CNPq no qual se propôs a empreender a tradução das cinco primeiras conferências do livro “Lecture on the Science of language” do autor alemão radicado na Inglaterra Friedrich Max Müller (1823-1900), antecedidas de breves apresentações escritas pelo aluno/pesquisador. O livro original contém um total de nove conferências, porém se optou por traduzir, nesta pesquisa, apenas as cinco primeiras, ficando as quatro últimas para uma pesquisa a ser realizada na vigência do próximo ano de PIBIC.

A pergunta que vem à mente de imediato é: por que traduzir tal livro, publicado originalmente em 1861, isto é, mais de século e meio atrás, depois de as conferências terem sido proferidas oralmente na universidade de Oxford? Qual a relevância desse empreendimento? Para responder a tais questionamentos, é necessário conhecer brevemente o clima intelectual da época e o papel da chamada historiografia linguística, subdisciplina que consiste precisamente em estudar a história de como a ciência linguística se constituiu e vem se desenvolvendo ao longo do tempo.

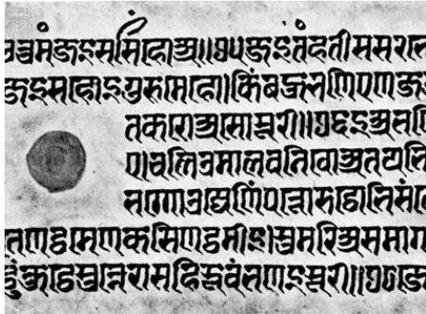
O século XIX marca um período de inflexão nos estudos de cunho linguístico ao longo da história. É bem verdade que, se tomarmos apenas a chamada tradição ocidental, veremos que, desde Platão, que viveu entre os séculos V e IV antes da nossa era, já havia reflexões a propósito da linguagem. Afinal, um dos diálogos do discípulo de Sócrates, intitulado “Crátilo”, nada mais é que uma discussão a respeito da natureza do signo linguístico. Nele, um dos personagens advoga a favor da arbitrariedade das palavras, enquanto outro defende que essas têm sua origem na natureza das coisas. Depois, entre o filósofo grego e os princípios do século XIX, a reflexão linguística é marcada por sobretudo duas vias: por um lado, o estabelecimento de gramáticas, inicialmente do grego e do latim e, depois, das línguas vernáculas; por outro, a especulação filosófica sobre a linguagem, com autores do Iluminismo, por exemplo, discutindo a origem desta. A ideia, no entanto, de elevar o estudo da linguagem ao patamar de ciência, inclusive com cátedras em universidades destinadas a isso, só ocorreu no início do século XIX, período em que viveu Max Müller. E o estabelecimento de uma nova ciência não ocorre do nada, antes se relaciona com fatores de ordem política, cultural, econômica, entre outros.

No final do século XVIII, precisamente em 1786, Sir William Jones, um juiz inglês que trabalhava na Índia, então colônia do império britânico, e que se tornou um grande indianista e conhecedor do sânscrito, a língua ancestral da Índia, flagrou uma série de correspondências, dificilmente atribuíveis ao acaso, em sua perspectiva, entre essa língua, o latim, o grego, o celta, o gótico e o persa. Além disso, formulou a hipótese de que essas semelhanças não se deviam ao empréstimo mútuo, isto é, ao fato de poderem as línguas apanharem vocábulos de outras, mas sim a uma origem comum.

Essa constatação causou verdadeiro alvoroço e ensejou uma série de pesquisas que visaram ao estudo comparativo das chamadas línguas indo-europeias e à reconstituição da hipotética língua ancestral protoindo-europeia. Em verdade, a partir de então uma nova ciência surgiu, à qual então se atribuíram diversos nomes, como gramática comparativa, filologia comparada, entre outras, que consistia na comparação sistemática, a princípio sobretudo de natureza morfológica, entre as diversas línguas em questão. A palavra francesa *linguistique* viria surgir apenas em 1826, enquanto *linguistics*, em inglês, data de 1847 (BAGNO, 2023, p. 301). Max Müller, em sua obra, prefere o termo “ciência da linguagem”.

Estamos em condições, agora, de responder aos questionamentos feitos inicialmente. Max Müller viveu a efervescência da então nascente linguística e tornou-se eminente especialista em sânscrito; em sua profusa obra, dedicou-se a estudos que foram das religiões comparadas à ciência da linguagem; foi prolífico autor, tendo escrito, traduzido e editado dezenas de volumes desde livros de filosofia até edições sobre os textos sagrados indianos. Aos 37 anos, proferiu em Oxford as “Conferências sobre a ciência da linguagem”, depois convertidas em livro. Nessas palestras, como ele mesmo afirma, seu principal objetivo foi dar a ver ao público inglês o que a linguística havia alcançado na Inglaterra, na França e, sobretudo, na Alemanha até aquele momento. Para toda uma geração de leitores, esse livro foi uma espécie de iniciação à ciência da linguagem; durante muito tempo, foi visto como um livro-texto ou livro de divulgação da área. Até mesmo Saussure o elogia na introdução do “Curso de linguística geral” (2006, p.9). No entanto, como pretendemos mostrar adiante nos resultados e na discussão, há ideias verdadeiramente originais nele presentes e que justificam sua tradução hoje.

Ora, um livro tão relevante, que formou toda uma geração, nasceu de conferências proferidas na prestigiosa universidade de Oxford, elogiado por um grande linguista como Ferdinand de Saussure e que foi fruto de uma época fulcral para a história da linguística reclamava para si uma versão acessível ao público leitor de língua portuguesa. Foi com essa intenção em mente que o aluno se lançou à tradução com apresentações a cada conferência. Nosso objetivo foi trazer à luz um texto de relevância para a história da linguística, com comentários pertinentes, esclarecendo conceitos, elucidando passagens, deslindando referências a personagens e períodos históricos.



[Sanskrit language | Origin, History, & Facts | Britannica](#)

*Imagem de um texto escrito em sânscrito extraída do site Britannica*

## **METODOLOGIA:**

A metodologia utilizada consistiu em traduzir cada uma das conferências e, em seguida, proceder à apresentação feita a cada uma delas. À guisa de exemplo, mostrar-se-á como se fez isso com a primeira conferência, processo que se replicou nas demais quatro. Fez-se uma leitura cuidadosa da conferência em inglês; em seguida, deu-se início ao processo tradutório, que consistiu em verter o texto inglês para o português pouco a pouco até se obterem as sentenças completas, traduzindo-se orações diminutas ou mesmo pequenos sintagmas por vez, até se obter uma sentença completa em português. Isso deve-se ao fato de que Max Müller, bem ao gosto vitoriano, produz por vezes frases demasiado longas, com predominância de orações subordinadas. Assim, foi necessário o desmembramento das sentenças em orações e sintagmas menores na hora da tradução. Com diversas abas abertas no computador, o aluno foi acessando dicionários e enciclopédias várias a fim de consultar termos tanto do inglês quanto do português. Utilizaram-se dicionários inglês-inglês, inglês-português e português-português para se encontrarem os termos adequados à tradução. Ao longo desse processo, o aluno já foi anotando termos-chave, conceitos, referências a que o autor faz alusão para adiantar o trabalho desenvolvido na apresentação da conferência I. Finda a tradução, procedeu-se a uma leitura da versão em português a fim de revisá-la e corrigir possíveis erros, comparando-se eventualmente com a versão em inglês para aprimorar a redação. Terminado esse processo, passou-se à escrita da apresentação, um texto curto que, no caso da conferência I, resultou em 4 páginas. Com as apresentações, teve-se o propósito de, por assim dizer, fisgar o leitor e estimulá-lo a ler a conferência completa; trata-se de uma breve introdução que visa a elucidar os principais conceitos presentes na conferência. Terminadas tanto a tradução quanto a apresentação, marcou-se um encontro com o orientador, a fim de que esse lesse ambas e ajudasse o aluno a corrigir possíveis falhas, oferecesse soluções para trechos mais intrincados e ficasse a par do resultado obtido até aquele momento. Esses processos, de maneira geral, foram repetidos conferência a conferência,

até se chegar à quinta e última. Cada apresentação resultou num texto que orbitou entre 3 e 5 páginas, já as traduções variaram entre pouco mais de 10 páginas até quase 30 páginas, a depender da extensão de cada conferência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Na primeira conferência, intitulada “A ciência da linguagem: uma das ciências físicas”, Max Müller introduz o assunto do qual tratará ao longo do livro, isto é, a própria ciência da linguagem, nome que dá ao que hoje chamamos de “linguística”. Como vimos, o nome que se tornou canônico ainda era muito recente, de modo que Müller faz uma digressão para explicar por que prefere o termo de que lança mão. Afirma que já se deram, até aquele momento, diversos nomes para a ciência da linguagem, tais como “filologia comparada”, “etimologia científica”, “fonologia” e “glossologia”, mas que prefere o termo autoevidente “ciência da linguagem”. Além disso, divide as ciências entre as históricas e as físicas e, curiosamente, elenca a linguística entre essas últimas, pois, para ele, o cientista da linguagem não estuda línguas para se tornar um poliglota nem tampouco para conhecer os grandes textos do passado; não se trata de fazer filologia, mas de conhecer esse fenômeno chamado linguagem, não como uma criação do ser humano e, portanto, sujeita às modificações temporais, mas como um fenômeno físico, submetido a regras e leis muito bem determinadas. Também nessa conferência, Müller defende que as ciências passam por um estágio empírico, outro classificatório e um terceiro teórico. Para ele, a ciência da linguagem esteve em seu estágio empírico quando surgiram, no período helenístico, as primeiras gramáticas; depois, em seu estágio classificatório, quando se procedeu, bem no início do século XIX, à classificação das famílias linguísticas; e, por fim, que a linguística estava em vias de passar pelo estágio teórico, quando se começa a perguntar as questões fundamentais de uma ciência, como por exemplo “qual a origem da linguagem?” Aqui já vemos que Max Müller vai muito além de fazer um livro de divulgação e traz ideias inovadoras para a época, o que reitera a relevância de sua obra.

Na segunda conferência, intitulada “O desenvolvimento da língua em contraposição à história da língua”, Max Müller cunha o termo “desenvolvimento da língua” em contraposição a “história da língua”, numa defesa de que as línguas passam por um evoluir que escapa ao livre-arbítrio individual capaz de alterá-las e, antes, submetem-se a leis rígidas e fixas. Além disso, Müller traz à baila dois conceitos: o de regeneração dialetal e o de corrupção fonética, que a seu juízo constituem o fulcro do chamado “desenvolvimento da língua”. O autor afirma que se, por um lado, as línguas estão constantemente sob o ataque da corrupção fonética, que altera as formas linguísticas, transformando palavras inteiras em estruturas meramente gramaticais, por outro lado, a regeneração dialetal provê novas formas, vocábulos e matéria linguística, como uma fonte a jorrar continuamente para as línguas. Como exemplo de corrupção fonética, o autor menciona o fato de a palavra “mente” em latim ter se transformado em sufixo para formação adverbial nas línguas românicas. Esse fenômeno será amplamente estudado por Antoine Meillet (1866-1936) anos depois e ficará conhecido como “gramaticalização”. Max Müller antecipa-se a esse estudo e dá mostras mais uma vez de sua inovação.

Na terceira conferência, intitulada “O estágio empírico na ciência da linguagem”, Max Müller faz ver que, depois das conquistas de Alexandre, o Grande, quando os gregos liam seus textos do passado clássico e já não mais reconheciam neles a língua que falavam naquela ocasião, surgem os primeiros editores e filólogos de textos antigos.

Além disso, no período da conquista romana, embora os latinos tenham sobrepulado militarmente os gregos, do ponto de vista cultural a Grécia gozava de grande prestígio do lado oriental do império. Assim, surgiu a figura do escravo grego ou do “libertus” que ensinava a língua helênica aos filhos dos patrícios romanos; os que a essa tarefa se dedicavam recebiam o nome de “grammatici”. Não demorou muito para haver a necessidade da criação de uma gramática grega, tarefa empreendida por Dionísio, o Trácio (170-90 a.C.) Todo esse período Müller chama de “estágio empírico” da ciência da linguagem, uma vez que as investigações linguísticas feitas serviam ao propósito prático do ensino de idiomas e do estabelecimento de textos passados.

Nas duas últimas conferências traduzidas por nós nesta pesquisa, intituladas “O estágio classificatório na ciência da linguagem” e “A classificação genealógica das línguas”, Max Müller traça o que podemos chamar hoje de primórdios da ciência linguística propriamente dita, quando os primeiros linguistas, como Schlegel e Bopp, começaram a classificar as línguas em famílias, dando enfoque especial à indo-europeia, embora nosso autor também cite as semitas. Afirma Müller que tal estágio contrasta com o empírico, pois neste o foco eram as línguas isoladamente, enquanto no classificatório buscava-se uma visão de conjunto e comparativa das línguas. Müller também atenta para o fato de que, graças a esses pesquisadores, tornou-se possível reconstituir estágios anteriores das línguas. Trata-se de capítulos mais descritivos e de bastante erudição, mas nem por isso deixam de revelar a perspectiva do autor.

## **CONCLUSÕES:**

É possível concluir, a partir do que foi discutido, que trazer à luz um texto esquecido de um autor atualmente pouco lido entre os estudiosos da linguística é, sim, relevante para a historiografia linguística. Max Müller, em suas “Conferências sobre a ciência da linguagem”, além de fazer um panorama muito instigante do que a “ciência da linguagem” havia alcançado até então, recobre seu texto com ideias bastante inovadoras para a época. Esperamos, com essa tradução e as apresentações a cada conferência, preencher uma lacuna existente na historiografia linguística de língua portuguesa.

## **BIBLIOGRAFIA**

BAGNO, Marcos. *Uma história da linguística – do século 19 ao limiar do século XX*. Parábola editorial, São Paulo, Brasil, 2023.

MÜLLER, F. Max. *Lectures on the science of language*. Longmans, Green & Co., Londres, Inglaterra, 1866.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Cultrix, São Paulo, Brasil, 2006.